

# Romper fronteiras para ir mais longe...

Sofia Madalena Marques Escobar

Aluna da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa a desenvolver um Estágio Curricular na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa

É consensual o facto da escola ter por base a ideia da pedagogia como lugar de transmissão de conhecimento, na qual se favorecem os diplomas em detrimento do saber e onde prevalece uma visão cumulativa e fragmentada das várias áreas disciplinares. É também unânime que, numa sociedade do conhecimento, torna-se necessário MUDAR de uma lógica disjuntiva para uma acção educativa transversal, privilegiando as diversas áreas do saber (científica, artística e tecnológica).

A Educação/Formação torna-se cada vez mais uma actividade onde é necessário desenvolver práticas pedagógicas diferenciadas com públicos distintos, nas quais se deve procurar facilitar a aprendizagem, mais do que transmitir saberes, pois a aprendizagem nunca é um processo passivo e “o melhor professor não é aquele que ensina, é o que mais faz aprender”<sup>1</sup>. **Mas... será esta mudança possível?**

A minha participação no “DiaLugares” tem-me mostrado que sim... e que talvez não...

## Porque sim?

Por um lado, o trabalho realizado no âmbito deste projecto com públicos distintos, desde o Jardim de Infância a adultos de várias idades, revela ser uma prática abrangente, na qual se procura a implicação do indivíduo na acção, através de uma experiencição e de uma experimentação, onde a cidade é encarada como um espaço privilegiado de aprendizagem através do exercício permanente do conceito “mobilidade física e digital”.

Os alunos conhecem os diversos espaços culturais da Cidade de Almada, através da exploração do Portal e adquirem conhecimentos, recorrendo a várias propostas, por exemplo, através dos jogos aí existentes. Neste processo de aprendizagem, tem-se verificado que estes

---

<sup>1</sup> Nóvoa, António (2005). *Evidentemente*. Edições ASA.

desenvolvem estratégias próprias de resolução dos jogos, cada um ao seu ritmo, a partir dos quais apreendem dados sobre os sítios “visitados”, revelando igualmente vontade e curiosidade em conhecer esses espaços no plano físico. Assim, para além de aprender a ler, a escrever e a contar, os alunos aprendem a SER, através de um diálogo e interacção constantes com o mundo e com os outros.

À partida, poder-se-á duvidar das competências tecnológicas das crianças mais pequenas, mas assim que as vemos em acção, percebemos rapidamente que se trata apenas de mais um “mito”. De facto, não raras as vezes, os alunos demonstram ter mais destreza e competência na utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) do que os próprios professores, que perante tal facto ficam incrédulos quando vêem os seus alunos explorar o Portal, a desenvolver novas aprendizagens e a mobilizar conhecimentos prévios e experiências anteriores.

Deste modo, é possível tornar a educação num processo de construção de uma experiência individual, valorizando a singularidade de cada situação educativa e as potencialidades de cada pessoa através de um suporte digital. Por tudo isto, penso que a aprendizagem mediatizada pelas TIC oferece um grande potencial para repensar e redesenhar os processos de aprendizagem, promovendo a liberdade, a espontaneidade e a autonomia no aprender, em suma, para uma mudança efectiva na educação.

### **Porque não?**

«Esta turma é muito fraca. «Não conseguem fazer isso, é muito difícil». «Não se consegue fazer nada com eles». Estas são algumas das afirmações que às vezes se fazem ouvir nas escolas por onde temos passado no âmbito do “DiaLugares”, revelando as baixas expectativas que alguns professores têm relativamente às capacidades e competências dos seus alunos. Pelo contrário, temos observado que os alunos revelam ter capacidades e potencialidades infinitas de aprendizagem e de apreensão de conteúdos, bastando para tal estarem motivados para a tarefa proposta.

Inicialmente, os professores até se mostram abertos à integração das TIC nas situações formais de aprendizagem, mas, ao contrário do que seria de esperar este trabalho não é sistemático, nem por vezes investido valor que realmente tem.

Assiste-se a um contínuo refúgio numa lógica cumulativa e redutora da aprendizagem, tendo por base uma concepção de funcionamento baseada na repetição de informações, desvalorizando a necessidade de uma efectiva mudança no que diz respeito à filosofia com que se encara a escola e a aprendizagem.

A mudança em educação que se pretende pode e deve começar na prática dos professores e formadores, que devem procurar desenvolver as suas próprias competências em TIC, explorando e rentabilizando as potencialidades pedagógicas que oferecem, procurando construir uma prática educativa global e integrada e dissolver as fronteiras existentes entre os diversos saberes, saberes estes que não são, nem estanques, nem exteriores ao aluno.

### **Para uma união de saberes...**

Esta experiência tem sido uma aprendizagem constante e tem-se revelado muito gratificante, na medida em que permite o desenvolvimento e a monitorização de oportunidades de aprendizagem adequadas a cada situação, a avaliação do seu impacto nas realizações dos actores envolvidos e uma reflexão pessoal e/ ou colectiva sobre todo o processo, com vista à construção de um conhecimento profissional fundamentado na prática. Como tal, a Pedagogia pode constituir-se como um lugar privilegiado de articulação entre ensino, formação e investigação.

Cada vez mais é necessário que os professores/ formadores trabalhem em equipas alargadas com outros profissionais, parceiros sociais e com a comunidade, cooperando e comunicando com uma variedade maior de pessoas em contextos muito diferentes. Só assim é possível quebrar as fronteiras existentes, criando um novo sentido para a educação.

